

### SE NE TEKRENA: IMAGINÁRIOS DO ARQUIPÉLAGO SÔNICO AFRODIASPÓRICO

<sup>1</sup>Vitor Henrique Guimarães Lima

**Resumo:** É sempre pontuar, embora muitas vezes seja algo que passe batido, que as possibilidades de constituição da identidade étnico-racial na Diáspora afroamericana são muitas e são complexas. Os recursos utilizados por pessoas negras africanas e de seus descendentes com o passar dos séculos desafiam compreensões monolíticas e homogeneizações conceituais: ainda que com certas aproximações, os produtos da imposição das já diversas forças coloniais sobre a diversidade cosmológica africana (iorubás, bantus, hauçás etc.) geraram uma difração cultural a partir da Travessia da Passagem do Meio, gerando também diferentes graus e tipos de adesão ao que se imagina o que é a África. Ao aproximar a ortografia dos vestígios (Sharpe, 2023) aos conceitos de amefricanidade (Gonzalez, 1988) e de criouldade (Chamoiseau, Bernabé, Confiant, 1990), podemos perceber que, de fato, a Relação glissantiana promove uma “unidade submarina” (Brathwaite, 1974), mas que a identidade étnico-racial é construída de formas características em cada território, gerando uma paisagem arquipelágica a essas identidades: formas distintas unidas por rastros submarinos. Nesse contexto, a paisagem sonora ganha um lugar privilegiado nisso, nos dando pistas diversas de princípios estéticos que organizam a política, a economia, a Arte – a vida – com contornos orgânicos, dinâmicos, lançando mão de artifícios que revelam tensões, disputas e negociações que podem ser ambíguas no que diz respeito à sobrevivência do povo negro na Diáspora.

**Palavras-Chave:** estética sonora afrodiaspórica; ancestralidade; amefricanidade; criouldade; cosmotécnicas.

### INTRODUÇÃO

Há, na Diáspora africana na América, uma complexidade tanto no que diz respeito à identidade étnica quanto à identidade nacional. Ainda que alguns componentes sejam observáveis no cruzamento de toda a geografia dessa diáspora (a colonialidade e suas imposições econômicas, patriarcais, epistemológicas – não obstante, seu cinismo –, a imaginação e a elaboração de estratégias de existência *apesar* dessas imposições), as possibilidades de formação de ambas e suas significações terminológicas são múltiplas. Elas são, enfim, ambíguas: indicam tanto uma diversidade caleidoscópica, quanto uma fragmentação, o que, num primeiro momento, soa como um desafio metodológico numa análise mais ampla quando se emprega um esforço de acomodar todos esses caminhos.

O que pretendo com este texto é experimentar a seguinte provocação de Salomé

---

<sup>1</sup> Vitor Henrique Guimarães Lima. [vitorhgmrs@gmail.com](mailto:vitorhgmrs@gmail.com). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF). Bolsista CAPES.

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

Voegelin (2024): como podemos perturbar e problematizar as Linhas? Como podemos construir uma pesquisa a partir desse estresse? E qual o papel dos estudos do som nesse sentido?

A autora define as Linhas (uso, aqui, a palavra com letra maiúscula) como uma delimitação do (im)possível dentro do imaginário moderno ocidental nos fazeres científico, político e econômico. O amplo e profundo uso institucional dessas Linhas tem efeitos abrasantes e contundentes. Aimé Césaire (2022) defende que a colonialidade alienou a população negra afrodescendente de códigos e matrizes cosmológicas africanas, o que Muniz Sodré (2017) chama de semiocídio; Malcolm Ferdinand (2022) condena o matricídio colonial provocado pelo surgimento do habitar colonial cristão e do *plantationoceno* e seus impactos a nível político, cosmopolítico e material e econômico; a negação do outro promovida pelo altericídio de Achile Mbembe (2025); a Declaração de San José (1981) alerta à “problemática da perda da identidade cultural das populações indígenas da América Latina, (...) um processo complexo que tem raízes históricas, sociais, políticas e econômicas”; por fim, podemos falar sobre políticas de necropolítica e de genocídio negro argumentadas e apresentadas por Mbembe e outros autores como Abdias do Nascimento (2016), Denilson de Oliveira (2025) e Thaina Lins (2024).

A partir desse momento de *rapto* de africanos para o bel-prazer e fortalecimento econômico das colônias europeias, que acompanhava e essa ampla e profunda desumanização de pessoas negras e ameríndias, e das constantes hostilidades que buscavam afastá-las de suas cosmopolíticas originárias, o que se deu foi uma difratação de suas luzes cosmológicas. Cada território desenvolveu seus próprios artifícios e estratégias para preservar a memória e/ou para reivindicar o direito à autodefinição, mesmo que institucionalmente esses direitos fossem negados. As alianças e tensões eram diversas e variavam de acordo com as etnias dos grupos trazidos às Américas, com o volume e o grau de vulnerabilidade dos grupos ameríndios e com o grau de sucesso das forças coloniais (religiosa, cultural e politicamente falando).

### OBJETIVO

Dessa forma, passar pela Porta do Não-Retorno designava necessariamente uma descontinuidade cosmológica. O que viria a partir disso seriam tentativas de traduzir as práticas culturais, econômicas, políticas e culturais realizadas em África nesse novo

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

contexto colonial, em múltiplos destinos, friccionando antigas identidades étnicas e formando novas noções destas. Existir, nesse novo contexto, significava também resistir a novas forças – as Linhas. Cabe perguntar: se imaginar tornou-se um caminho insubstituível para isso, como a tradução, a criação e a imaginação se alinham/aliam na busca por uma autodefinição? E como podemos perceber o papel da paisagem sonora nesse movimento?

Neste trabalho, proponho a ideia do que chamo de *arquipélago sônico afrodiaspórico* para refletir sobre a supracitada “unidade submarina” e suas contribuições para o entendimento desse caleidoscópio étnico da Diáspora afroamericana. Aqui, meus esforços sublinham a ideia de que não existe uma noção única de negritude (na perspectiva pan-africana) ou negridade que contempla integralmente todas as experiências da Diáspora. Definitivamente não há uma única forma de se referenciar à África nas práticas negro-americanas. O *como* essa diversidade se dá me é de grande interesse, e acredito que as expressões artísticas musicais sejam ótimos exemplos disso.

### METODOLOGIA

Para isso, busco experimentar as contribuições da intelectualidade crioula e antilhana, especialmente a partir dos autores Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau, e a ideia de amefricanidade proposta por Lelia Gonzalez, para pensar como diferentes imaginários de África são acionados nas práticas musicais, e como ainda assim é possível perceber proximidades estéticas contundentes nestas manifestações artísticas em diferentes territórios (“ilhas”) dessa região (“arquipélago”).

A ortografia dos vestígios (Sharpe, 2023) é fundamental nesse sentido. A autora define essa ideia como “um conjunto de eventos catastróficos” que “registra e produz as convenções anti-negridade no presente e para o futuro” (2023, p. 48) De uma forma geral, as Linhas da colonialidade do poder e suas consequências são questões que servem como pilares da vida em toda a América, revelando os traços de branqueamento e eurocentrismo da Razão ocidental e o reforço da estruturação social promovida pelas colônias europeias (em especial pelas da Península Ibérica, como defendido por Gonzalez, 2021). Esses *vestígios* da existência (Sharpe, 2023) são constantemente denunciados nos trabalhos de autores como Lelia Gonzalez, bell hooks, Aimé Césaire e Édouard Glissant; Patrick Chamoiseau se refere à “catástrofe existencial” do contador

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

crioulo em seu trabalho “O contador, a noite e o balaio” (2025):

[o contador e os escravizados das *plantations*] não são mais seres humanos, são ativos da plantaçaõ assim como as construções, as ferramentas e os animais (...). Conheceram a travessia do Atlântico, no navio negreiro, *navios refeitos para isso, rearranjados para isso*, num porão que será a sua estridência nuclear. Suas memórias, suas línguas, suas crenças e seus deuses explodiram. Seus corpos, despídos, não mais lhes pertencem (...). Suas certezas comunitárias e verdades ancestrais não foram apenas despedaçadas-dispersas nos indivíduos: *elas foram invalidadas*” (p. 75).

A importância de entender a sistematização de hostilidades coloniais com as população negra está justamente em entender a mudança de paradigmas das intencionalidades no fazer artístico (imaginar e criar num contexto inóspito), dando um outro sentido a princípios como ancestralidade, oralidade, corporalidade, circularidade e sociabilidade. Estes princípios estéticos estão presentes, de uma forma ou de outra, em todos os territórios-ilhas desse arquipélago sônico; são aquilo que dá o caráter de unidade a toda essa região.

Pego emprestado da cosmopoética de Dénètem Touam Bona a reflexão sobre paisagem sonora:

“e o conjunto dessa biofonia forma uma paisagem sonora, uma paisagem em fuga, uma paisagem jazz (...). Toda paisagem é rosto. Os traços de um território remetem ao traçado de uma partitura que seus habitantes, humanos e não humanos, tocam e retocam constantemente, engendrando assim uma esfera de existência cujas pulsações – em contraponto a uma multidão de outras esferas – contribuem para o movimento perpétuo de inspiração e expiração da biosfera chamada Terra” (Bona, 2020, p. 12).

Meu interesse nas palavras de Bona está em sua intenção de integrar a dimensão sonora da vida a uma noção de ecossistema: não existe um sem o outro, ou o outro sem o um. Viver é produzir som, e produzir som é o reflexo da vida – ou melhor, de estar vivo. Consequentemente, os sistemas aurais da vida na Diáspora afro-americana estarão necessariamente impregnados de uma criatividade imaginativa radical que considera a ambiência do território e também a afeta. Essa circularidade intrínseca dos acontecimentos sonoros afrodiaspóricos destacam a ritualização e a ritmização do cotidiano que também *botam na roda* o senso de coletividade, de comum, de vinculação do si com o(s) outro(s).

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA/ RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questionar a homogeneidade pressuposta à América Latina e ao Caribe significa também pôr em xeque as Linhas da colonialidade. *Perturbar* as linhas significaria, primordialmente, no pensamento de Voegelin (2024), um desafio aos métodos já

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

consolidados de produção do conhecimento; nesse sentido, significaria legitimar a experiência multissensorial do corpo como um lócus metodológico privilegiado. Questionar o cânone das Linhas é um exercício epistemológico que envolve pôr em xeque os imaginários estabelecidos enquanto se *experimenta* novas imaginações, ressaltando, aí, a importância do mítico e do improvisado como aparatos técnicos das emoções e o lugar da estética como campo de formulação entre política, forma e expressões, como nos trazem Soares e Cardoso Filho (2024).

Os mesmos autores dão ênfase num problema recorrente nos escritos sobre som, música, corpo e comunicação: uma distância (sentida como vazio) entre a escuta técnica e a escuta musicológica. As Linhas – ou melhor, seus agenciamentos institucionais – seriam grandes responsáveis por isso, justamente por prezar um racionalismo científico e político que fragilizam as emoções e a sensorialidade enquanto produtoras de saberes. Há também, é claro, as fronteiras da moral religiosa que percolam o campo institucional ao prezar pela separação entre corpo e espírito, subjugando o primeiro em relação ao segundo (Nascimento, 2019). Daí a importância de o corpo ser alçado ao protagonismo metodológico e epistemológico nos contextos (reafirmo: plurais) da Diáspora: ele agenciará um espectro específico de narrativas e, por isso, uma gama de emoções e saberes que dizem respeito a experiências cujo eruditismo moral e estético das Linhas não conseguem dar conta.

Concebo esta ideia a partir de dois caminhos: a minha própria experiência de escuta musical, cujo componente da curiosidade me levou a perceber confluências estéticas nos gêneros musicais produzidos majoritariamente pelos grupos racializados como negros nas três porções do continente; a percepção e conclusão de que esses gêneros/expressões musicais (e outras expressões artísticas) só existem com determinadas estéticas devido ao fator colonização, e que, ao considerar a diversidade desse processo (a geografia dos interesses metropolitanos, a geopolítica colonial, as consequências dos ciclos econômicos do período colonial e industrial pós-colonização, os fluxos históricos do tráfico escravagista etc.) seria necessário, também, levar em conta os pontos de desencontro das intenções estéticas nessas expressões – ainda considerando a articulação estética nos termos de Soares e Cardoso Filho (2024). Nesse sentido, cada gênero / expressão musical terá sua própria estrutura e estética, marcada pela própria história social, mas sempre marcada, de alguma forma, por uma *Relação* viva, dinâmica; fragmentada e orgânica; rica em linguagens, diversa em suas formas de (auto)definição.

Um arquipélago pulsante em sons e corpos.

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

O que se percebe nesse arquipélago é que a articulação estética também se apresenta de forma plural, com sobreposições e especificidades geográficas. É possível, por um lado, observar a importância comunicativa e espiritual dos instrumentos de percussão – e não apenas nos acontecimentos musicais. Por outro lado, o plural se mostra em especial na forma como os vestígios da escravidão e da colonização são sentidos pelos grupos oprimidos e, a partir daí, de que maneiras a memória e a ancestralidade – o imaginário de África – se modelam. A Diáspora, em sua escala continental, sob os efeitos da colonização, difrata a já plural cultura e cosmogonia africana; este imaginário, portanto, possui diferentes formas, volumes, fronteiras, e são acessados e ativados de maneiras distintas por toda a América. Daí a importância do Diverso (Glissant, 2021) no entendimento sobre os fluxos culturais relacionais nesse longo contexto diaspórico.

A proposta de Voegelin (2024) com suas epistemologias sônicas é refletir sobre como a experiência sensorial sonora do/no corpo pode ser uma ferramenta reveladora da vida e dos saberes. Nesse caminho, a sensorialidade visual perde a centralidade metodológica que lhe foi conferida. Esse caminho de perturbação das Linhas, entretanto, pode ser percebido nas observações, exercícios e epistemologias de intelectuais e artistas que antecedem seu escrito, como é o caso da multiartista peruana Victoria Santa Cruz (1922 – 2014). Com uma trajetória marcada por influências artísticas variadas desde tenra idade, Victoria se tornou uma das protagonistas, ao lado de seu irmão Nicomedes, da chamada revolução cultural afroperuana, que se deu durante a década de 1950. Camila Daniel (2021; 2025) destaca dois conceitos centrais que guiaram a produção artística e intelectual de Victoria: a *memória ancestral* e o *ritmo interior*. O primeiro conceito diz respeito a um tipo de mediação entre o passado africano (antes e durante a escravização) e o presente, sendo atualizado nas práticas cotidianas nas manifestações culturais afroperuanas, em especial nas famílias negras e em atividades comunitárias em casas e bairros populares. Assim, essa *memória ancestral* seria “um passado corporificado que conecta cada indivíduo afro-peruano à África, como um território mítico que se preservou apesar do racismo” (Daniel, 2021, p. 13-14).

O segundo conceito, o *ritmo interior*, seria a pulsão dessa memória – dessa ancestralidade – que leva o corpo à ação. A defesa dessa ideia é a de que a racionalidade (as Linhas) instauram o perigo iminente da desconexão de um indivíduo consigo mesmo, isto é, de seu próprio ritmo. Decorre disso a colonização do corpo, posto que o desenvolvimento intelectual não pode ser separado do corpo e de suas emoções. Isso deixaria o indivíduo “incapaz de acessar os conhecimentos e segredos que herdou de suas culturas de origem”

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

(Daniel, 2021, p. 18).

Uma aproximação fundamental entre Santa Cruz e Voegelin (2024) diz respeito a como as Linhas podem subjugar determinados conhecimentos a um lugar de subcultura. A artista peruana chama atenção ao fato de que a comum distinção entre “folclore” e “cultura desenvolvida” não é nada útil (Daniel, 2021). Ela ressalta, ainda, que há uma chave comunicacional fundamental no momento da interação entre duas ou mais pessoas: há um agente ativo-passivo, e um agente passivo-ativo (Santa Cruz, 2004), reforçando a proposta da autora suíça de apostar no exercício de ouvir como um processo de diálogo. Esta última destaca também uma dimensão “mística” do exercício de ouvir que encontra uma lógica científica não no vocabulário ou no eruditismo do racionalismo eurocêntrico (iluminista e pós-Iluminismo) que privilegia a organização visual e quantificável dos dados, mas dentro de uma prática contingente. Esse estado qualitativo/sensível dos dados, da informação e da produção do conhecimento dialoga diretamente com outras duas categorias: a amefricanidade (Gonzalez, 2021), de ordem mais objetivamente política, que trata de um sistema etnográfico de referências inspiradas em modelos africanos (acessando a e se alimentando de um imaginário de África, estabelecendo uma mobilização específica de *memória ancestral*); e a escrevivência de Conceição Evaristo, que sublinha a experiência político-racial individual – e simultaneamente comum, coletivizada – como chave da manifestação subjetiva de expressões artísticas.

Uma aproximação fundamental entre Santa Cruz e Voegelin (2024) diz respeito a como as Linhas podem subjugar determinados conhecimentos a um lugar de subcultura. A artista peruana chama atenção ao fato de que a comum distinção entre “folclore” e “cultura desenvolvida” não é nada útil (Daniel, 2021). Ela ressalta, ainda, que há uma chave comunicacional fundamental no momento da interação entre duas ou mais pessoas: há um agente ativo-passivo, e um agente passivo-ativo (Santa Cruz, 2004), reforçando a proposta da autora suíça de apostar no exercício de ouvir como um processo de diálogo. Esta última destaca também uma dimensão “mística” do exercício de ouvir que encontra uma lógica científica não no vocabulário ou no eruditismo do racionalismo eurocêntrico (iluminista e pós-Iluminismo) que privilegia a organização visual e quantificável dos dados, mas dentro de uma prática contingente. Esse estado qualitativo/sensível dos dados, da informação e da produção do conhecimento dialoga diretamente com outras duas categorias: a amefricanidade (Gonzalez, 2021), de ordem mais objetivamente política, que trata de um sistema etnográfico de referências inspiradas em modelos africanos (acessando a e se

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

alimentando de um imaginário de África, estabelecendo uma mobilização específica de *memória ancestral*); e a escrevivência de Conceição Evaristo, que sublinha a experiência político-racial individual – e simultaneamente comum, coletivizada – como chave da manifestação subjetiva de expressões artísticas.

Daí, também, a relevância de dois elementos da tessitura do senso de coletividade. Em primeiro lugar, o griô/*djeli*, que atua como figura indispensável na manutenção da coesão social. O Guardião da Palavra; o historiador, o diplomata; o poeta, o músico, detentor das memórias (Santos, 2015). Em segundo lugar: o terreiro, a comunidade litúrgica (*egbé*), que serve como um lugar de compartilhamento dos saberes e valores que servem como pilares da comunidade. São elementos que justificam a consolidação de um imaginário de África no Brasil que se percebe como mais complexo e mais duradouro quando comparado a outros alguns outros territórios da América, como no Peru e em algumas ilhas do Caribe, como Martinica e Guadalupe – se, por um lado, essas comunidades litúrgicas aproximam as práticas em América daquelas realizadas em África, a *poética da Perda* (que indica um maior grau de criouliização às sociedades das Antilhas Francesas do Caribe em relação a outras sociedades da mesma região) confere às Antilhas Francesas uma herança africana mais “diluída” (Pavy, 2023).

O *zouk* e o *gwoka* das ilhas de Martinica e Guadalupe, respectivamente, dão pistas interessantes tanto sobre as singularidades de seus territórios quanto sobre a unidade submarina que os relaciona com outras trajetórias afro-americanas. Em primeiro lugar, são dois gêneros musicais que surgiram a partir dos contextos das *plantations*. Quando lembramos da musicalidade de terreiro no Brasil, do samba e do blues dos Estados Unidos, e suas relações intrínsecas aos ambientes de cativo dos escravizados, é possível encaminhar o entendimento da música como um meio de expressão criativa e imaginativa cosmopoética que indica algo à luz do que Bona nos diz:

a poesia é celebração da terra, celebração, celebração do cosmos. Um grande Sim à vida. Mas é justamente esse Sim que nos obriga a dizer Não. A dar um testemunho do intolerável, do imundo, da destruição do mundo: quer se trate da 6ª extinção e massa das espécies vivas ou da sinistra agonia do direito de asilo (...). Na origem de toda espiritualidade e de toda especulação teórica, está a experiência poética> a expressão do mundo como totalidade viva, a intuição de que todos os elementos que nos cercam, nos atravessa e nos compõem – o vegetal, o mineral, a água, o ar, as ondas magnéticas – se correspondem, se entrelaçam e formam um único e mesmo cosmos. A cosmopoética é a forma primeira da ecologia: uma ecologia dos sentidos e da imagine-ação pela qual pajés, *ngangas*, mães de santo, bruxas neopagãs e outros mestres do invisível estabelecem um diálogo obscuro, tecido de metáforas, com o conjunto de tudo o que vibra (Bona, 2020, p. 10-11).

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

Como o próprio Bona nos lembra, a marronagem (ou suas traduções em aquilombamento ou palenquismo) se põe como indissociável do sistema protoindustrial da *plantation* – uma resposta radical que tem início em terras africanas e que se trata de um fenômeno transatlântico. Ele afere que “profundamente polifônica, a noção de marronagem remete a uma multiplicidade de experiências sociais e políticas, que se espraiam por cerca de quatro séculos, em territórios tão vastos e variados como os das Américas ou dos arquipélagos do oceano Índico” (Bona, 2020, p. 16). Dessa forma, a “‘Floresta’ – o conjunto das linhas e elementos que recobrem o homem com uma malha vegetal – oferece assim aos marrons um refúgio, uma cidadela, um lugar de vida privilegiado” (idem, p. 17).

Ao se referir às estratégias de marrons haitianos, o autor pontua que

ao garantir a sincronia dos gestos, a cadência regular dos esforços, o alinhamento coreográfico dos corpos, o ritmo produz uma comunidade fraternal dos *compté*. Essa tradição do trabalho dançado e cantado assumiu, no sul dos Estados Unidos, a forma das *work songs*, matriz do *blues*. Trabalha junto é partilhar uma pulsação coletiva, vibrar em uníssono, comungar num só canto (idem, p. 23).

A imaginação radical de escravizados nas *plantations* e de marrons / quilombolas / *palenqueros* questiona o senso comum de passividade negra durante o período escravocrata e nos coloca de frente para ações intencionais de autodeterminação. Esse cotidiano ritualizado e ritmizado fazem parte da criação de um sistema *outro* ao imposto pelas forças coloniais. Já aqui a Arte se coloca como insurgência, mas, antes mesmo disso, se coloca a partir de uma outra perspectiva cosmopoética e cosmopolítica: a Arte não é algo a ser simplesmente consumido, e sim vivido, integrado no dia-a-dia, no fazer-mundo. É algo que vincula ao território e a algo maior; é algo que integra o indivíduo à biosfera – os textos de hooks (2017) de Rufino (2024) são ricos na proposição de uma pedagogia engajada.

Retomemos à crioulidade, que aposta nessa autodeterminação terminológica com objetivos estéticos e políticos muito evidentes e intrínsecos um ao outro, mas com pontos de partida diferentes (e, portanto, desenvolvimentos teóricos *também* diferentes). No “Elogio da Crioulidade” (1991), os autores defendem a existência de uma *visão interior* que, da mesma forma que a escrevivência, o ritmo interior e a epistemologia sônica, dá legitimidade ao testemunho e à experiência como fundamentos do conhecimento. Essa visão interior seria causa e consequência de uma aceitação total de si mesmo, da própria história e, por conseguinte, de um ímpeto de autodeterminação que rompe com definições exteriores reducionistas. E é exatamente aqui que surge uma diferença sutil e elementar: os autores defendem a (auto)identidade crioula (e antilhana) ao romper com definições exteriores tanto

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

de europeanidades quanto de africanidades. Elas seriam duas exterioridades adversas: “uma possuindo nossos espíritos submissos à sua tortura, outra habitando nossas carnes povoadas, cada uma, à sua maneira, inscrevendo em nós suas chaves, seus códigos, seus números” (p. 3). Resiste-se, firmemente, a qualquer assimilação que, “através de suas pompas e obras da Europa, [obstine-se] a pintar nosso vivido com as cores de Outro Lugar” (idem). Glissant nos diz que existe, na identidade crioula, uma filiação étnica não-cristã.

(É importante pontuar que a própria terminologia de *crioulidade* é diversa: a identidade crioula antilhana se distingue daquela peruana, que também é diferente da peruana, que são diferentes da haitiana e da jamaicana e assim por diante.)

A intelectualidade antilhana, portanto, não se submete a um imaginário de África (ou a uma noção de africanidade) semelhante ao proposto por Lélia Gonzalez ou Victoria Santa Cruz, ou reproduzido por griôs e nos terreiros brasileiros. Há a crença de que as *plantations* e *habitations* caribenhas extirparam negros africanos e seus descendentes daquilo que *poderia ser* já a partir do momento da subvida nos porões dos navios negreiros, imagem amplamente explorada nas obras de Aimé Césaire, Malcolm Ferdinand. Mas ainda que os imaginários de África sejam diferentes, todos defendem, fundamentalmente, uma existência plena que só seria possível a partir de uma atitude de autodefinição, aceitação (e, de certa forma, pazes) com o passado coletivo e uma implicação ativa no presente.

Nesse sentido, emparelha-se à figura do griô/*djeli* aquela do contador crioulo. Em seu extenso esforço para entender o que faz do contador um contador, Chamoiseau (2025), nos diz que um aprendiz, por mais tempo que tenha passado com seu mestre, não poderia se dizer um contador apenas por reproduzir suas palavras: era necessário observá-lo e admirá-lo, com atenção especial não ao que é dito, e sim àquilo que não o é. Para o autor, “paradoxalmente, o mundo da oralidade não é muito comunicativo. O silêncio também fala” (p. 47). É necessário tomar tempo e aprender contemplando. É uma transmissão de conhecimentos, saberes e informações que são “no silêncio, no não dito, no não ato”, gerando um “golpe da Palavra” que “toca somente aqueles que sabem ouvir – e não simplesmente receber na orelha o desenrolar de um conto ou uma astúcia qualquer de falador” (idem, p. 49). Por isso a roda também é um lugar relevante. É não só onde você confronta o outro, mas também onde você é forçado a confrontar a si mesmo, a abdicar de definições exteriores e definir a si mesmo, a sua própria narrativa; a criar a si mesmo, pois a roda é este lugar de soprar a existência pela dança, pelo toque, pelo dar-a-voz; um “espaço de transmissão não de uma ordem nem de uma verdade, mas de uma experiência ainda em vias de se realizar”

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

(idem, p. 21).

Conceitualmente, a amefricanidade encontraria, aqui, algumas limitações de caráter territorial: uma categoria pan-africanista que sustenta uma existência negra-diaspórica pautada numa identidade étnica centrada em modelos africanos não encontra aderência total no pensamento crioulo antilhano. A amefricanidade daria pouco espaço para a criouldade se fazer. E é justamente por isso que inicio este trabalho com “*se ne tekrema*: os dentes e a língua”. Esse é nome de um *adinkra* Ashanti que simboliza a pluralidade de funções presentes no organismo humano e social. Os dentes servem para a trituração do alimento, enquanto a língua, além de dar mobilidade ao alimento dentro da boca, é responsável pela maior parte da sensorialidade gustativa (prazer) do processo digestivo. Ambos têm papéis indispensáveis a este processo. Criouldade e amefricanidade fazem parte do mesmo órgão, organismo e processo: o de construção de autonomia criativa, de autodeterminação identitária e de elaboração de existências anticoloniais.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

Fica evidente também que o desafio às Linhas feito por esses autores e por esses caminhos epistemológicos revelam, em algum grau, uma disputa pela identidade em nível local e nacional. Independentemente da forma como o imaginário de África é mobilizado, o *ser negro* ou *ser crioulo* carrega especificidades que comumente são ignoradas pela também múltipla ideologia do branqueamento, nas palavras de Gonzalez (2021), ou pela mecanização expressa em nossas reações (ao invés de ações), como denunciado por Santa Cruz (2004). Uma mecânica que revelaria uma ausência de autonomia e intenção em nossas interações. Cabe finalizar esse texto com uma das características mais inextricáveis do contador crioulo segundo Chamoiseau (2025), que está em franco diálogo com a Relação glissantiana. Ele nos diz que esses contadores (e cantores, e dançarinos, e tocadores de tambor) desfrutavam da existência a partir do desconfortável, abrindo linhas de fuga “não mais com base em um passado, nem em um futuro, mas sim no desconhecido” (2025, p. 72). O desconhecido é o norte e o impossível é a energia. O impensável, o terror e o deslumbramento têm seus devidos e resguardados papéis na imaginação e na criatividade. Há a aderência entre o *prosaico*, que irá “construir a bolha confortável de nossas ‘realidades’; [e] o poético [que] continuará à margem dessa comodidade e dirá, com a voz não-clara: não há apenas isso, permanece existindo o inaudito do ‘real’, *permanece o Impensável*” (idem, 2025). Há o rompimento inicial e final com a precisão quantitativa almejada pelo

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

cientificismo e pela racionalidade ocidental – novamente, as Linhas. Há, enfim, na aposta pela voz, pelo compartilhamento da Palavra, na Escrita com e maiúsculo de Chamoiseau, na jornada pelo entendimento do ritmo interior de Victoria Santa Cruz, na jornada de aceitação de si pela visão interior crioula, um sonoro brado de levante estético: o da improvável unidade pelas diferenças, pela possibilidade da existência e pela legitimidade cosmopolítica, nos termos de Yuk Hui (2021), daquilo que um dia foi, do que pode(ria) ter sido, e do que pode ser imaginado.

O *zouk* martinicano, o *gwoka* guadalupense, o *blues* estadunidense e o *compté* haitiano – tal como o *lumbalú* e o *currulao* colombianos, e o samba e a música de terreiro no Brasil – nos demonstram a diversidade da radicalidade imaginativa e efetivamente criativa (no sentido de implicação material no cotidiano) desse arquipélago sonoro afrodiaspórico. Da mesma forma, os bailes martinicanos, o *dékatman* de Guadalupe, o *rara haitiano*, as celebrações fúnebres colombianas e os desfiles carnavalescas no Brasil, Trinidad e Tobago, Barbados e Nova Orleans simbolizam o aspecto espacial da sociabilidade negra a partir de manifestações musicais.

Há, entretanto, singularidades: a *poética da Perda*, em diálogo com a criouldade antilhana, aciona o imaginário de África como se, de fato, houvesse algo perdido, embaralhado; uma memória que se diluiu e que não será mais acessada, algo belamente expostos nos trabalhos de Pavy (2023) e Renou (2023). Os esforços dos irmãos Santa Cruz durante a revolução cultural afroperuana nos anos 1950 seguiram no mesmo caminho. Re-imaginar foi (e ainda é) imperativo. Por outro lado, há uma sensação de continuidade muito maior quando se pensa o imaginário de África no contexto brasileiro: terreiros, casas de angú, quilombos e outros dispositivos espaciais de grupos negros contribuíram para a manutenção de uma memória mais distante, mesmo com algumas perdas e adaptações.

Entendo que o grande desafio para a intelectualidade negra brasileira é incorporar devidamente as contribuições dessas outras escolas intelectuais em suas complexidades e com o que pode *parecer* contradição. É impossível pensar em avanços nesse sentido ao mesmo tempo em que se deslegitima outros processos que não os nossos, como é possível notar em alguns trabalhos brasileiros. É necessário questionar: como seria possível elaborar um pensamento crítico que dê conta da fragmentação histórica e cultural promovida pelas forças coloniais? Como considerar a diversidade do pensamento e da estética da Diáspora, tendo em conta tanto os efeitos abrasantes e contundentes denunciados pela sua intelectualidade, quanto as forças criativas que surgem dessa riqueza difratada?

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

Compreender o comum e o distinto, onde as fronteiras estão mais ou menos difusas, se torna um desafio que deve ser entendido por nós como saboroso, instigante e valoroso. É necessário entender essa pluralidade para que o combate à colonialidade do saber não descarte outras possibilidades de ser que efetivamente já existem. *Tornar-se negro / crioulo / americano / afrodescendente / afroandino / afrocaribenho* é decididamente um processo múltiplo, complexo, e nenhuma configuração deve se sobrepor às outras. Nenhum imaginário deve ser alçado como mais importante ou mais eficiente que o outro, não antes de haver um diálogo direto, sem pretensões.

Exercitar a compreensão desse caleidoscópio é um movimento antitotalitário.

É pôr o corpo e as mentes em interação salutar e disposta à autodeterminação respeitosa; conflitante, mas não-conflituosa.

É perturbar as Linhas.

Financiamento: Bolsista CAPES.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONA, Dénèten T. *Cosmopoéticas do refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

CÉSAIRE, A. *A tragédia do rei Christophe; Discurso sobre o colonialismo; Discurso sobre a negritude*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022. p. 240

CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIAANT, Raphaël. *Elogio da criouldade*. Tradução de Magdala França Vianna. Paris: Gallimard, 1990. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.ufrgs.br/cdrom/chamoiseau/chamoiseau.pdf](https://www.ufrgs.br/cdrom/chamoiseau/chamoiseau.pdf). Acesso em: 22 dez. 2025.

CHAMOISEAU, Patrick. *O contador, a noite e o balaio*. Tradução de Henrique Provinzano Amaral; posfácio de Michel Mingote. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2025. 232 p.

COOPER, Carolyn. “A UNIDADE É SUBMARINA”: circuitos da cultura no caribe “transterritorial”. *Revista Brasileira do Caribe*, p. 13-31. 2011.

DANIEL, Camila. “P’a gozar con el ritmo del tambó”: corpo, movimento e emoção na epistemologia do ritmo de Victoria Santa Cruz. *Hawò, Goiânia*, v. 1, p. 1–35, 2021.

DANIEL, C. Decolonialidade feminista afro-latino-americana: diálogos possíveis entre Brasil e Peru. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA:

# I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

## Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

- Laboratório de Edição Fábrica de Letras - UNEB, v. 14, n. 2, p. 131–150, 2025.
- Declaração de San José (11 dez. 1981)
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. Editora Terra sem Amos: Brasil, 2021.
- FERDINAND, M. Uma ecologia decolonial. [s.l.] Ubu Editora, 2022.
- GLISSANT, Édouard. Poética da Relação. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.
- HUI, Yuk. Tecnodiversidade. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 224 p.
- LAFONT, Anne. A arte dos mundos negros: história, teoria, crítica. São Paulo: Bazar do Tempo, 2023. 208 p.
- LINS, Thainá Guerra. Estigmas raciais e território: uma análise da mortalidade da população negra na cidade do Rio de Janeiro. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- MARGINEDAS, Júlia Farràs. Cantos para la muerte: Los alabaos: identidad, cultura y resistencia en el Pacífico colombiano. 2019. Trabalho de Conclusão de Graduação (Bacharelado em Humanidades) — Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, 2019.
- MBEMBE, Achille. A comunidade terrestre. São Paulo: N-1 Edições, 2025. 232 p
- NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Saõ Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2016.
- NASCIMENTO, Ricardo Cesar Carvalho. A ginga: do corpo ao Cosmos. Vazantes – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 177-191, 2019.
- OCHOA, Ana Maria. Aurality Listening and Knowledge in Nineteenth-Century Colombia. [s.l.] Duke University Press, 2014.
- OLIVEIRA, Denílson Araújo de. Geografias Negras do Genocídio Negro Brasileiro: enfrentamentos à antinegitude. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2025. 384 p.
- PAVY, F. The gwoup-a-po in Guadeloupe: can a culture be (re)appropriated? *Appartenances & Altérités*, n. 4, 1 dez. 2023.
- RENOU, Marina Vitor. O gwoup a po Voukoum: "mas", carnaval, política e modos de existir em Guadalupe, Caribe. *Revista de Antropologia da UFSCar*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 91–116, 2024.
- SANTA CRUZ, V. Ritmo: el organizador eterno. Lima: Ediciones COPÉ, 2004. p. 84

## I SIMPÓSIO DIÁLOGOS AFRODIASPÓRICOS

### Se Ne Tekrena: imaginários do arquipélago sônico afrodiaspórico

SANTOS, Toni Edson Costa. Negros pingos nos “is”: djeli na África ocidental; griô como transcrição; e oralidade como um possível pilar da cena negra. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis/SC, v. 1, n. 24, p. 157-173, jul. 2015.

SHARPE, Christina. **No vestígio**: negritude e existência. São Paulo: Ubu Editora, 2023. 256 p.

SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

VOEGELIN, Salomé. Sonic Epistemologies: Confrontations with the Invisible. *Open Philosophy*, v. 7, n. 1, 1 jan. 2024.